

O USO DE DICIONÁRIOS EM SALA DE AULA: a transição entre o 5º e o 6º anos via *Mania de Explicação* de Adriana Falcão

Marilene Duarte Segóvia de JESUS (UEMS – Dourados)
Carla Regina de Souza FIGUEIREDO (UEMS – Dourados)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo mostrar a importância do livro *Mania de Explicação* de Adriana Falcão como obra literária e a relação deste com os dicionários do tipo 2 e tipo 3 determinados para uso nas escolas pelo Plano Nacional do Livro Didático – PNLD. Pretende-se, a partir das leituras de Biderman (2004), Coroa (2011), Krieger (2012) Rangel (2011) e Faria (2013), dentre outros, criar uma estrutura para compreender a inserção do livro de Falcão (2013) como material pedagógico nas salas de aula dos 6º anos da rede de ensino. Para tanto, a pesquisa iniciou-se com um levantamento bibliográfico, leitura de obras sobre a temática escolhida, coleta de dados que apontassem referências sobre o uso da obra em sala de aula e a análise da obra em si, objeto de pesquisa deste trabalho. Além disso, este trabalho teve como meta, a partir da obra de Falcão (2013), introduzir o uso do dicionário tipo 3, por conseguinte, esclarecer a importância desse enquanto recurso didático para subsidiar o processo de aquisição do vocabulário e aprendizagem da leitura e escrita. Os resultados obtidos apontam que a obra *Mania de Explicação* apresenta um texto fluído e de fácil entendimento. A pesquisa se constitui em uma riquíssima fonte de conhecimento para novos trabalhos, uma vez que demonstrará a tipificação dos dicionários (características) a partir dos critérios referentes à etapa de ensino a que se destina e pela quantidade de verbetes.

Palavras-chave: Dicionários. PNLD – Dicionários 2012. *Mania de Explicação*. 6º ano do EF.

Introdução

Ausentes dos programas oficiais de materiais didáticos por quase duas décadas, desde 2000, os minidicionários escolares de língua portuguesa integram os recursos didáticos pedagógicos disponibilizados pelo Ministério da Educação (MEC) ao Ensino Fundamental (EF). Ao longo dos anos, pesquisadores vêm estabelecendo padrões de transposição didática, adequação de atividades e progressão do ensino – aprendizagem via dicionários.

Considerando a divisão do EF em 02 (dois) segmentos (da alfabetização e consolidação do domínio da escrita a diferentes etapas de ensino, aprendizagem da língua materna) estabeleceu-se “tipos” distintos de dicionários correlacionando-os às condições de aprendizagem do público – alvo. Diante do exposto, este trabalho tem o objetivo de, a partir da obra de Adriana Falcão (*Mania de Explicação*, 2013),

introduzir o uso do dicionário **tipo 3**¹ e, por conseguinte, esclarecer a importância deste material enquanto meio para subsidiar, principalmente, o processo de aquisição de vocabulário e, conseqüentemente, a aprendizagem da leitura e da escrita.

Pautados nas contribuições da Lexicografia Pedagógica (KRIEGER; WELKER in. XATARA et. al., 2011), na importância de como usar a Literatura infantil na sala de aula (FARIA, 2015) e na premissa de que a compreensão e a significação de algo pressupõem a sua aplicabilidade, segundo Marcuschi (2004), em um contexto, em uma determinada cultura e em um tempo histórico, demonstra-se que o dicionário é, portanto, um importante instrumento intermediador na construção dos significados linguísticos tanto nos níveis ortográfico, morfológico, sintático e semântico quanto discursivo. Ao se considerar essa última perspectiva, oportuniza-se ao consulente a possibilidade de “dialogar” com a sua própria experiência enquanto leitor com a informação do verbete, construindo a significação desejada.

Feito estes esclarecimentos, este artigo trará primeiramente noções de Lexicografia Pedagógica e informações sobre a seleção das obras avaliadas pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), em 2012, e disponibilizadas em quatro acervos de dicionários escolares às Escolas do EF e EM pelo MEC, dando-se ênfase na caracterização, sobretudo dos Dicionários dos **tipos 2 e 3**, por corresponderem ao objeto de estudo aqui pretendido: o uso dos dicionários de língua portuguesa na sala de aula no 6º ano. Em seguida, a apresentação da obra de literatura infanto-juvenil *Mania de Explicação* (FALCÃO, 2013), a justificativa dessa escolha e as relações pedagógicas com o *Dicionário Ilustrado de Português* (BIDERMAN, 2004) e o *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa* (FERREIRA, 2011).

1 O estudo do léxico na sala de aula

Todo professor que escolheu a missão de tornar o aluno competente no conhecimento e na prática da sua própria língua, propondo desafios em diferentes formas de explicação, sabe da importância de utilizar dicionários em suas aulas, em seus projetos de ensino. (KRIEGER, 2012, p.09).

¹ O dicionário Tipo 3, de acordo com Damin e Peruzzo (2006), tem de 19.000 a 35.000 artigos e se volta para os alunos das últimas séries do Ensino Fundamental, hoje do 6º ao 9º ano.

Na epígrafe, reconhece-se a importância dos dicionários nas práticas de ensino de língua e, indiretamente, a necessidade de o professor ser “proficiente” em usá-lo como instrumento didático-pedagógico para a aula de língua materna. Trata-se de um livro que essencialmente reúne e define os significados das palavras de um idioma a partir dos usos que os falantes fazem, disponibilizando ao consulente desde a grafia, a classe gramatical, a etimologia e os significados de uma palavra à identificação dos sentidos comuns e específicos que pode assumir, a depender do contexto em que a palavra for usada. O dicionário

[...] Responde também a dúvidas do consulente relacionadas à ‘existência’ ou não de alguma palavra nova, sua preocupação em saber se o termo novo já está dicionarizado. [...] É, pois, evidente que, pelo conjunto de informações que encerra, o dicionário é um lugar privilegiado de lições sobre a língua, mas também sobre a linguagem. Isso porque os dicionários mais informativos avançam em registros que mostram aspectos semânticos, linguísticos e textuais, implicados pelos usos das palavras nas práticas discursivas. (KRIEGER, 2012, p.09-10).

Mesmo com tantas informações sobre o léxico² de uma língua, nem sempre o aproveitamento do dicionário na escola é evidente. “Por que isso acontece?” - foi um dos questionamentos que impulsionaram, segundo Rangel (2011, p.38-39), as esferas acadêmica, da prática didático-pedagógica, da produção editorial e das políticas públicas do âmbito educacional, a repensar a elaboração e a distribuição de dicionários considerando o perfil do consulente e os objetivos que cada obra lexicográfica pretende atingir. No início da década de 2000, por exemplo, os alunos de 1ª a 4ª séries do EF da rede pública receberam a doação de um minidicionário de língua portuguesa. O acesso ao material, no entanto, não garantiu o uso generalizado e habitual por parte das crianças. O MEC constatou, durante os encontros anuais do PNLD em parcerias com as redes estaduais e municipais de ensino, que:

[...] o diagnóstico mais frequente para a situação – que contrariava frontalmente as expectativas oficiais – envolvia, sempre, uma consideração relativa às inadequações pedagógicas dos

² Todas as línguas naturais apresentam um conjunto de palavras ou lexias que formam o acervo léxico daquela língua. A esse conjunto de palavras, chamamos léxico. O léxico de uma língua abrange todas as lexias, sejam simples ou complexas (expressões formadas por duas ou mais palavras) (CARVALHO e PONTES, 2013, p. 90).

minidicionários de uso geral para o primeiro segmento do ensino fundamental, ainda que, eventualmente, um aparato editorial cuidadoso procurasse minorar o problema. (RANGEL, 2011, p. 45).

Esse fato mobilizou pesquisadores dedicados à Lexicografia, de acordo Krieger (in XATARA et al., 2011, p.103), a condicionarem o “potencial didático dos dicionários [...] com a preocupação da adequação da qualidade das obras usadas no ensino de línguas”, o que contribuiu para o surgimento de uma área de estudos relativamente nova, denominada Lexicografia Pedagógica, dedicada aos dicionários pedagógicos, ou seja, a um tipo de obra de referência que considera

[...] as habilidades (e, portanto, também as dificuldades) e as necessidades de consulta dos aprendizes de língua. Assim, dicionários comuns – quer gerais quer especiais, como o *Aurélio* ou um dicionário de sinônimos ou técnico – não são dicionários pedagógicos, mesmo quando consultados por aprendizes, e quando se estudam tais dicionários (analisando o seu conteúdo ou pesquisando o seu uso) **não** se está no âmbito da lexicografia pedagógica. (WELKER in XATARA et al., 2011, p.105).

Vale ressaltar que em 2006, o MEC constituiu uma comissão de professores-pesquisadores a fim de delinear parâmetros para a elaboração de dicionários mais comprometidos com as demandas da primeira etapa do ensino fundamental e o perfil do alunado, resultando na “tipificação” de dicionários a depender do tamanho da nomenclatura e o nível de escolarização. Os de **tipo 1** teriam entre 1.000 e 3.000 verbetes³ com informações adequadas à introdução do alfabetizando do 1º ano do EF ao gênero dicionário. Já os dicionários de **tipo 2**, um mínimo de 3.500 e máximo de 10.000 verbetes com uma proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio da escrita, ou seja, do 2º ao 5º ano do EF; enquanto os de **tipo 3** disponibilizariam entre 19.000 e 35.000 verbetes, em uma proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão, porém adequada a alunos das últimas séries do EF, ou seja, do 6º ao 9º ano (RANGEL, 2011, p.49).

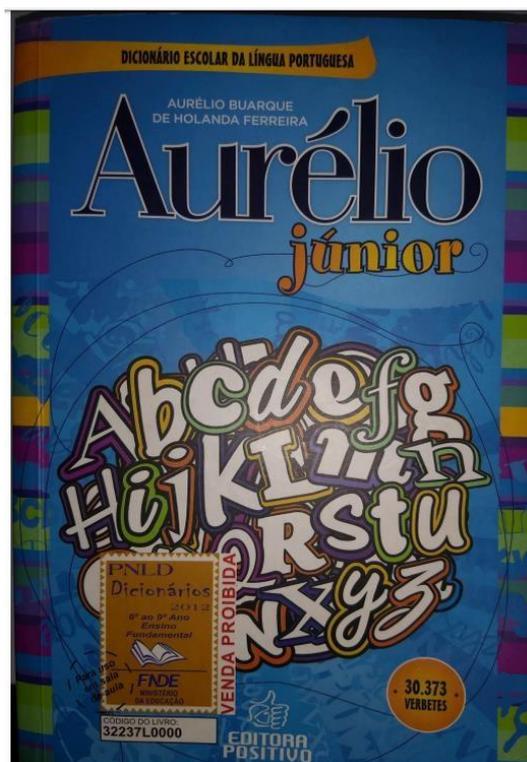
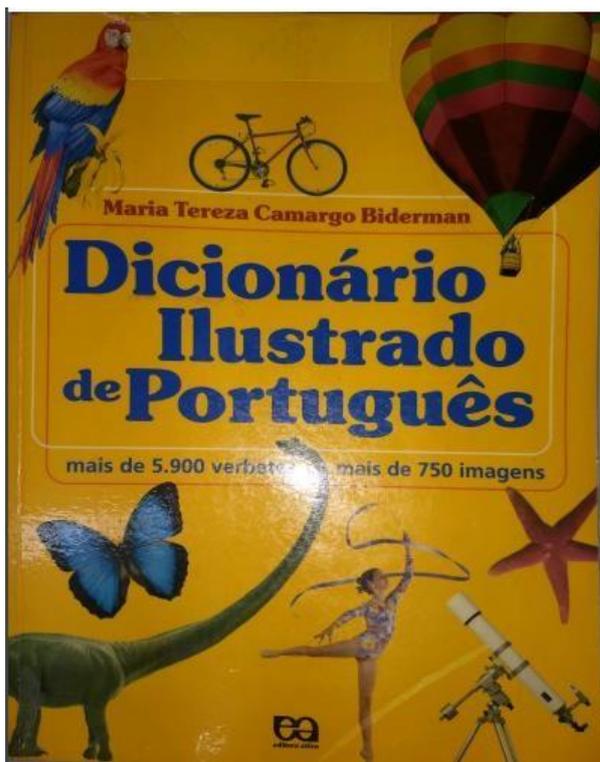
O PNLD 2012 – Dicionários (BRASIL, 2012, p.19) acrescenta a categoria **tipo 4**, em que o número de verbetes variaria entre 40.000 e 100.000 com uma proposta

³ Segundo Krieger (2012, p. 27), “o corpo do dicionário é constituído pela nomenclatura em si, isto é, o conjunto de palavras registradas. Cada uma delas é chamada de palavra-entrada, entrada ou lema, e junto com as informações a ela relacionadas, como a classe gramatical e os significados, forma o verbete, também denominado de microestrutura”.

lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio regular e do profissionalizante.

Para ilustrar o que os estudiosos denominaram de “proposta lexicográfica” diferenciada, veja a capa e a apresentação tanto do *Dicionário Ilustrado de Português* (BIDERMAN, 2004) quanto do *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa* (FERREIRA, 2011). O primeiro é classificado como **tipo 2** enquanto o outro, **tipo 3**. É importante registrar que as obras também se diferenciam quanto ao “tamanho do papel” em que foram impressos. A de Biderman (2004) assemelha-se ao Livro Didático, enquanto o *Aurélio Júnior* segue o padrão de impressão dos minidicionários.

Figura 1 – Capa do *Dicionário Ilustrado de Português* (BIDERMAN, 2004) e do *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa* (FERREIRA, 2011)



Fonte: elaborado pelas autoras a partir da consulta às obras lexicográficas de Biderman (2004) e Ferreira (2011)

A apresentação do *Dicionário Ilustrado de Português* (BIDERMAN, 2004) chama a atenção por estar disposta em versos e instruir sobre o que é o dicionário,

qual a sua finalidade e como se deve consultá-lo, numa linguagem compreensível para o público-alvo:

A consultar um
dicionário Você vai
logo aprender. E vai
também descobrir Que
divertido pode ser.

O dicionário é um livro
Bem diferente dos
outros.
Com milhares de
palavras Parece uma
confusão.

Mas de fato não é não.
Basta saber o alfabeto
E começar a procurar
Com método e
atenção.

Dicionário é parecido
Com uma casa
organizada. Muita coisa
cabe nela Mas tem que
ser procurada.

Primeiro vem a palavra,
Depois o significado.
Tem ainda um exemplo
De como ser usada.

Vamos então imaginar
Que no livro de ciências
Está escrito
adolescência.
O que isso quer dizer?

Procure primeiro o **a**
E logo depois o **d**.
Letra por letra seguindo
a ordem do alfabeto.

Mais adiante você vai
Logo, logo chega lá.
Vem depois de **adoecer**
e antes de
adolescente.

Basta ler para entender
O que aquilo quer
dizer. Pronto. Mais
uma palavra Você
passa a conhecer.

Que bom ter um
dicionário Para curtir e
aprender.

(BIDERMAN, 2004, p.05).

Na apresentação do *Aurélio Júnior*, categoriza-se esse dicionário como **tipo 3**, destinado aos jovens, em que a equipe lexicográfica teve a preocupação de “[...] aliar à tradição de nosso idioma – tradição que serve de base à nossa cultura linguística – a modernidade nos dias atuais, disponibilizando para os jovens consulentes um universo vocabular verdadeiramente abrangente quanto à terminologia tecnológica, especialmente em se tratando da área de informática [...]” (FERREIRA, 2011, p. 04). A abrangência desse tipo de obra se justifica por integrar conhecimentos consonantes com o que é ministrado nos componentes curriculares dos anos finais do EF, tais como história, geografia, matemática, dentre outros. Enquanto os dicionários do **tipo 3** objetivam a familiarização do aluno com o gênero lexicográfico, os do **tipo 1** “[...] devem ser mais didáticos, de modo que o aluno entenda a definição e as informações que ali se encontram. Aqui deve ser aplicado com rigor o pressuposto de que não se deve definir palavras fáceis por meio de palavras difíceis” (CARVALHO, 2011, p. 89). Acredita-se que com essa tipificação, os professores puderam contemplar questões gramaticais, textuais e discursivas nas práticas de sala de aula de maneira mais consciente e coerente com a finalidade de cada etapa de ensino (COROA, 2011, p. 70). No *Aurélio Júnior*, por exemplo, há, inclusive, orientações e exercícios para os docentes programarem atividades de produção de texto.

O uso do dicionário é descrito como uma forma de suporte às atividades didático-pedagógicas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e aparece como exigência no item Linguagens – Língua Portuguesa Ensino Fundamental e subitem EF35LP12 - para a construção do sistema alfabético e da ortografia, do 3º ao 5º ano, o uso do “[...] dicionário para esclarecer dúvidas sobre a escrita de palavras, especialmente no caso de palavras com relações irregulares fonema-grafema” (BRASIL, 2017, p. 112). Da mesma maneira aponta a necessidade do uso deste

material de apoio nos anos subsequentes, do 6º ao 9º ano e no Ensino Médio. Entretanto, em nenhum momento, o documento especifica qual dicionário usar ou mesmo de que forma deve ser trabalhado.

Não há dúvida de que o dicionário seja um importante instrumento no processo de ensino-aprendizagem de uma língua. “Dominar” essa ferramenta é preciso e, por estar alinhado às atividades e aos conteúdos do 6º ano, consultou-se um dos livros didáticos (LD) indicados pelo PNLD (vigência de 2017 a 2019) para verificar como a transição entre a primeira e a segunda etapa do EF se consolidava a partir das orientações e abordagens do dicionário na sala de aula. Elegeu-se *Português: linguagens*, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães para nortear a pesquisa, uma vez que o livro passou a ser o adotado em grande parte das escolas públicas estaduais de Dourados - MS.

O livro didático tido como exemplo, no subtítulo do capítulo consultado: *Para escrever com expressividade - O Dicionário: Palavras no contexto*, os autores utilizam a fábula *A cigarra e a formiga* como pretexto para introduzir informações quanto à disposição dos verbetes em um dicionário. Reproduz-se a página do *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa* para comentar os recursos de organização tanto pautados na ordem alfabética quanto das palavras-índices ou palavras-guia, localizadas no alto de cada uma das páginas de obras dessa natureza. Elegem as palavras *renitente* e *imprevidente*, presentes na 5ª estrofe da fábula, transcrevem o que o *Minidicionário Soares Amora* prevê como significados dessas palavras a fim de questionar, entre os semas apresentados, qual o aluno julga mais adequado ao texto.

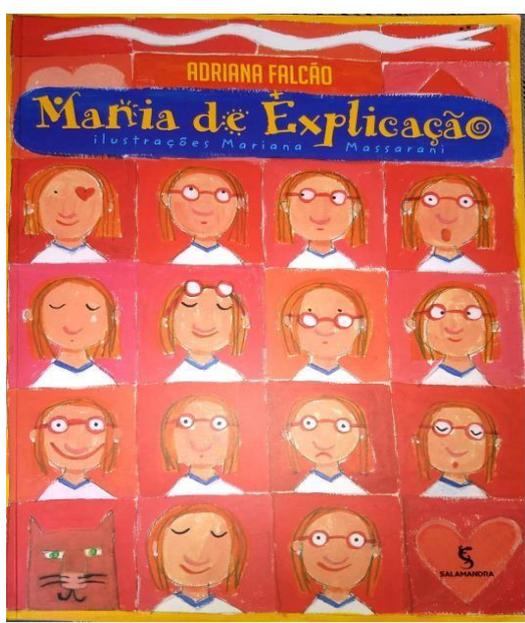
Diante do exposto, enxergou-se em *Mania de Explicação* (FALCÃO, 2013) a possibilidade de, além dos benefícios que a leitura de uma obra literária traz, introduzir o uso do dicionário **tipo 3** e, por conseguinte, esclarecer a importância deste material enquanto meio para subsidiar o processo de aquisição de vocabulário e aprendizagem da leitura e da escrita. Não se pretende aqui fazer uma análise literária, mas sim propor encaminhamentos que relacionem três materiais diferentes - *Mania de Explicação* (FALCÃO, 2013), *Dicionário Ilustrado de Português* (BIDERMAN, 2004) e o *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa* (FERREIRA, 2011) - para atingir um único objeto: o uso do dicionário na turma do 6º ano do EF.

2 *Mania de Explicação*: colaborando com o ensino do léxico

Mania de Explicação é uma obra que rendeu tanto para a sua autora quanto para a ilustradora diversos prêmios. A escritora, Adriana Falcão, nascida no Rio de Janeiro, publicou esse, que foi o seu primeiro livro dedicado ao público infantil, em 2001 e o dedicou à filha Isabel. Desde então, teve duas indicações ao Prêmio Jabuti e recebeu, em 2001, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o Prêmio Ofélia Fontes como melhor obra para as crianças. Já a ilustradora Mariana Massarani, carioca, além de desenhar mais de 150 histórias e ter 11 livros publicados, já recebeu quatro prêmios Jabuti por suas belas ilustrações.

Mania de Explicação, aqui usado como um livro paradidático, isto é, de forma complementar ao ensino, é composto por texto multissemiótico, com linguagens verbal e não verbal: plano de fundo, figura, fundo, cor, profundidade, imagens visuais estáticas, ritmo, distribuição de espaço, mas que não possui uma ordem alfabética para a distribuição das unidades léxicas bem como suas definições. Santos, em 2007, publicou um interessante trabalho, sob a perspectiva peirceana, sobre a relação entre texto e imagem desta obra:

Quanto às expressões da figura da menina dadas pelas sugestões dos olhares e pelas linhas da boca apresentadas nos diversos quadrados, podemos abduzir tratar-se de uma tentativa de interação com o observador/receptor/leitor, para que a obra se realize na tríade: autor-texto/leitor [...]. O olhar tem sede de estabelecer comparações, de achar sentidos e significações inteligíveis e nossa compreensão e análise, a percepção e a seguir o juízo perceptivo [...] o olhar tem sede de nomear. [...] podemos inferir através das expressões/reações da menina às possíveis descobertas, surpresas dos sentidos e significados das palavras, nos meandros do processo de intelecção e cognição que se apresentam no texto verbal e não verbal dentro da obra [...] (SANTOS, 2007, p.05).



A seguir, a reprodução da capa analisada por Santos e o excerto do texto de Falcão (2013).

Figura 2 – Capa de *Mania de Explicação*

Era uma menina que gostava de inventar uma explicação para cada coisa.

‘Explicação é uma frase que acha mais importante do que a palavra.’

Ela achava o mundo do lado de fora um pouquinho complicado.

Se cada um simplificasse as coisas, o mundo podia ser mais fácil, ela pensava.

Então tentava simplificar o mundo dentro da sua cabeça.

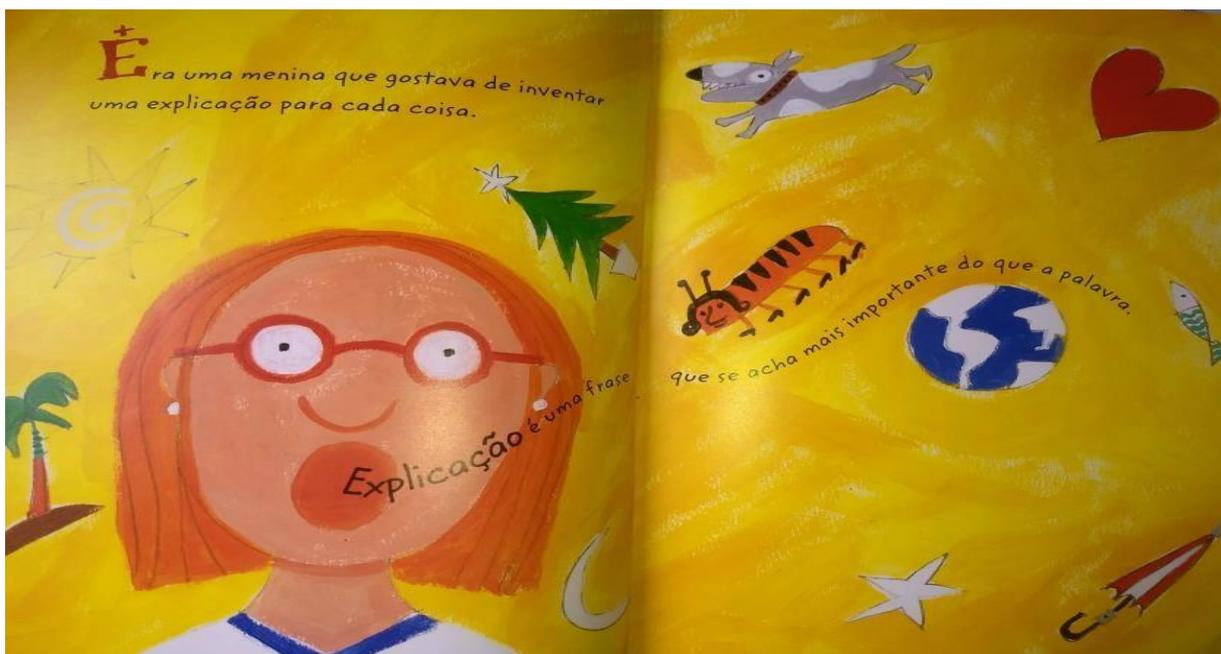
Fonte: Falcão (2013)

Adriana Falcão inicia o texto apresentando a personagem, que não foi nomeada no decorrer da história. A primeira definição dada pela menina foi justamente a palavra *explicação*. Um bom início para fomentar as discussões lexicais. Mas antes de ir aos dicionários, é preciso seguir o percurso metodológico apontado por Faria (2004).

Faria (2004, p. 38) diz que o educador deve primeiramente analisar e compreender os elementos das narrativas expressos pelas palavras e imagens para posteriormente trabalhá-los em sala de aula, uma vez que cada turma possui um grau de desenvolvimento cognitivo próprio. Alguns livros, principalmente os ilustrados, possuem uma dupla narração: a) a lógica textual, que se dá no momento em o trajeto do olhar ocorre de forma linear (da esquerda para a direita) no processo de descodificação da escrita; e b) a lógica iconográfica, que não mantém necessariamente o mesmo padrão do trajeto de leitura anteriormente descrito, apenas se olha a imagem fazendo-a ter sentido, não há um rumo pré-determinado a se seguir, o que lhe chamar a atenção será visto primeiro (FARIA, 2004, p. 39-40). Esse tipo de “[...] relação entre a imagem e o texto, no livro infantil, pode ser de repetição e/ou de complementaridade, segundo os objetivos do livro e a própria concepção do artista sobre a ilustração do livro infantil” (FARIA, 2004, p. 40). A ilustração se tentasse ser explicada ou descrita se tornaria algo muito lento e pesado. De certa forma, a imagem nos livros com ilustração, e no caso do livro *Mania de Explicação* de Adriana Falcão, passa a ter a função de “[...] criar, sugerir, completar o espaço plástico” (FARIA, 2004, p. 42).

Quando os livros infantis são compostos por textos curtos ou frases, as ilustrações passam a ter a função de estruturação da narrativa (FARIA, 2004, p. 133), como ocorre na obra literária analisada.

Figura 3 – Definição de explicação em *Mania de Explicação*.



Fonte: Falcão (2013).

Aqui, exemplifica-se o caso em que a imagem e o texto se complementam a fim de se alcançar uma leitura integral da mensagem: [...] o texto escrito designa as personagens, os ambientes, os objetos, e assim cumpre, por sua vez, sua função complementação, preenchendo lacunas e dissipando ambigüidades da imagem. (FARIA, 2004, p.41).

A partir da introdução destas estruturas narrativas, as crianças/alunos começam a ganhar conhecimento e passam a compor uma lista de signos contidos nos textos e que mais adiante poderá ser procurado nos dicionários os significados destes para enriquecimento do domínio linguístico dos alunos.

Ao apreciar o livro, da primeira página até a última frase, é possível observar em suas definições simples das coisas inexplicáveis do mundo infantil, que remete à fase dos “por quês”, “o que é isso?”, “para que serve?”. Adriana Falcão vai mostrando, através de seu texto, definições de fácil compreensão para a criança, uma vez que seu estágio de desenvolvimento se encontra em um estado de compreensão e conhecimento do mundo que a cerca. Santos (2007) aponta que o texto

[...] mostra definições criativas e poéticas para palavras como “ainda”, “apesar”, “saudade”, “antes”, funcionando como um dicionário poético que não segue a ordem alfabética como os dicionários usuais, mas a sensibilidade, e uma lógica interna da narrativa que se conta. O leitor fica envolvido com a riqueza do verbal, e da mesma forma com o não-

verbal (a imagem), em cada página que nos é apresentada. (SANTOS, 2007, p. 2)

Deve-se considerar, no entanto, que a escolha deste livro se relaciona não somente à ligação com a literatura infantil em si, mas também, quanto à questão da relação de definição criativa das coisas inexplicáveis, do signo linguístico e da semântica, da apresentação de um texto, que, de certo modo, remete à ideia de verbete e de definição que o alunado, pressupõe-se, já conhece, afinal, teve contato com dicionários dos **tipos 1 e 2**. O livro não somente remete à ideia de dicionário divertido como também é um objeto que retrata de forma harmoniosa a linguagem verbal e não verbal, tornando esses um todo significante, curioso e novo.

Inserir o livro como incentivo à busca por novas definições, bem como uma forma de estímulo à leitura, é um fator importante para o professor e não deve ser posto de lado. *Mania de Explicação* é importante para que o aluno faça a sua transição rumo ao dicionário **tipo 2 e tipo 3**.

Ao traçar um paradigma entre as definições de algumas palavras em *Mania de Explicação* (FALCÃO, 2013), *Dicionário Ilustrado de Português* (BIDERMAN, 2004) e o *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa* (FERREIRA, 2011), nota-se o quão o professor deve estar preparado para mediar o processo de transição entre o que se pretende ensinar sobre língua portuguesa, via dicionário, na primeira e na segunda etapas do EF.

Quadro 1 – Definições de palavras em Falcão (2013); Biderman (2004) e Ferreira (2011)

LEXIA \ FONTE	FALCÃO 2013	BIDERMAN (2004)	FERREIRA (2011)
Solidão	...é uma ilha de saudade de barco	s. fem. So-li-dão. Situação de quem vive e/ou se sente sozinho. Minha tia mora sozinha, mas não se queixa de solidão.	So-li-dão – subst. Fem. Estado de quem se acha ou vive só; solitude ⁴ [Plural: solidões]
Autorização	... é quando a coisa é tão importante que só dizer “eu deixo” é pouco	s.fem. au-to-ri-za-ção. Permissão; licença. Papai me deu autorização para viajar com o time da escola. pl: autorizações	Au-to-ri-za-ção – subst.fem. Ato de autorizar (-se), ou resultado deste ato.

Fonte: elaborado pelas autoras.

⁴ **Solitude.** *substantivo feminino.* Solidão. (FERREIRA, 2011, p.821).

No dicionário do **tipo 2**, nota-se o recurso da frase de exemplo, que vincula a definição dada a uma situação de uso muito próximo às vivenciadas pelo consulente no dia a dia. Ao migrar para o dicionário do **tipo 3**, além do uso de uma (meta)linguagem, que consolida conteúdos como classes de palavras, por exemplo, o aluno passa a ter contato com mais recorrência com as relações entre palavras trazidas como semema, tal como se observa no verbete *solidão*, em que *solitude*⁵ é tratado como sinônimo, embora não tenha nenhuma marcação explícita disso. O aluno é condicionado, no primeiro instante, a fazer a conferência para confirmar aquilo que inferiu. Interessante notar também, que a “explicação” dada na obra literária para *solidão* provoca outras discussões de língua. O que seria uma “ilha de saudade de barco”? Uma comparação sem a presença da conjunção “como”, portanto, uma metáfora.

Percebe-se, então, que o livro *Mania de explicação*, não só pode ser utilizado como um instrumento de leitura como também um “intermediador” entre materiais didático-pedagógicos nas salas de aula. Assim como os dicionários da língua portuguesa, o livro “constitui-se em produtivo instrumento do fazer linguístico: é mais um dos elementos simbólicos de que os cidadãos leitores e produtores de textos dispõem para construir, e reconstruir redes de significações e construir sujeitos” (COROA, 2011, p. 67). Portanto, tanto o livro *Mania de Explicação* como os dicionários se constituem fontes de pesquisa para aqueles que desejam enriquecer sua construção de significados e sujeitos pensantes.

Considerações Finais

Não é suficiente que o professor/educador conheça o sentido e significado das palavras ou que siga o livro didático simplesmente. É preciso, como afirma Meireles e Ferreira (2015, p. 24841), remeter-se à educação sensível, ao olhar para o aluno e a perspectiva humanizadora da educação, observar suas necessidades, avaliar suas dificuldades, buscar novos entendimentos e esclarecer suas dúvidas. Ao usar o dicionário como uma das formas de práticas pedagógicas, o professor promove “o alongamento do conhecimento simbólico da linguagem na formação do aluno” (COROA, 2011, p. 72). O uso de materiais que contenham palavras

diversificadas e novas e do uso de ilustrações instigadoras da imaginação e da criatividade, fornecem apoio diário aos educadores para que façam com que seus alunos não caiam na rotina e ‘voem’ para as diversas dimensões da imaginação e da criação.

Nesta educação sensível, de olhar voltado ao aluno, o uso da literatura chega para enriquecer o planejamento do professor/educador. É preciso que se tenha em mente que a sala de aula é um espaço de aprendizagem tanto para o professor (a) quanto para o/a aluno (a). De acordo com Meireles e Ferreira (2015), o aluno ao ser motivado pelo professor a entrar em estado de devaneio e criatividade, em êxtase, “voa no limiar do real e do sobrenatural”. Sair da rotina e se deslocar para outras dimensões não pode ser ignorado, uma vez que contribui para o desenvolvimento da criança enquanto ser humano.

A pesquisa empreendida possibilitou muitas reflexões, uma vez que leituras bibliográficas sobre a temática dicionário e literatura nas salas de aula foram extremamente necessárias. Os dicionários se confirmaram como importantes instrumentos de construção dos significados linguísticos tanto nos níveis ortográfico, morfológico, sintático e semântico quanto discursivo. E a obra *Mania de explicação*, uma aliada no estudo do léxico na sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. SECRETARIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Dezembro de 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 25 jul. 2018.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Com direito a palavra: dicionário em sala de aula**. Brasília: MEC/SEB, 2012. 148 p. (PNLD 2012: Dicionários). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12059dicionario-em-sala-de-aula-pnld-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 16 ago. 2018.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dicionário ilustrado de português**. São Paulo: Ática, 2004.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia. Dicionários Escolares: definição oracional e texto lexicográfico. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos

(orgs.). **Dicionários Escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, 87104.

CARVALHO, Gislene Lima; PONTES, Antônio Luciano. Elementos culturais em verbetes de dicionário: as expressões idiomáticas. **Revista de Letras**. nº 32 - Vol. (1) - jan./jun. - 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/viewFile/1452/1350>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

COROA, Maria Luiza. Para que serve um dicionário? In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (orgs.). **Dicionários Escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, 61-72.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cohar. **Português: Linguagens**, 6. 9 ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2015.

DAMIN, Cristina. PERUZZO, Marinella Stefani. Uma descrição dos dicionários escolares no Brasil. **Cadernos de Tradução**. v 2, nº 18, Florianópolis: 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6981/6450>>. Acesso em: 04 dez. 2018.

FALCÃO, Adriana. **Mania de Explicação**. São Paulo: Salamandra, 2013. Disponível em: <<https://pt.calameo.com/read/000034615bf8f4e07fb9a>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004. (Coleção como usar na sala de aula).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa**. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2011.

KRIEGER, Maria da Graça. **Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012.

MARCUSCHI, Luiz A. O léxico: lista, rede ou cognição social? In. NEGRI, L.; FOLTRAN, M.J.; OLIVEIRA, R.P. **Sentido e significação – em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Contexto, 2004, p.263-284.

MEIRELES, Maximiano Martins de. FERREIRA, Taísa de Souza. O sensível na formação docente: com-textos de uma experiência formativa. **EDUCERE XII Congresso Nacional de Educação – PUCPR** 26 a 29 de out. 2015. Disponível em: < http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20976_8614.pdf >. Acesso em: 05 abr. 2018.

RANGEL, Egon de Olivera. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia;

BAGNO, Marcos (orgs.). **Dicionários Escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 37-60.

SANTOS, Daniela Yuri Uchino. Texto e imagem em Mania de Explicação de Adriana Falcão.

Encontro Regional da ABRALIC 2007. Literaturas, Artes, Saberes. 23 a 25 de julho de 2007. USP – São Paulo. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/complemento/DANI_ELA_SANTOS.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2018.

XATARA, Cláudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (Orgs). **Dicionários na teoria e na prática: como e para que são feitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.